

## Escrituras do pipa: masculinidades em xeque

Marcos Ribeiro das Neves

O vento no encontro com o pipa fê-lo rapidamente subir. A menina puxou e percebeu a força do vento. O início da tematização. Foi quando percebi que o olhar do garoto brilhou ao tocar no assunto. Ele compartilhou sua maneira, o jeito que a prática atravessa sua vida e como fica feliz quando empina sua jerequetinha.

No interior da EMEF Anna Silveira Pedreira algumas coisas aconteciam no segundo semestre de 2022. Os debates em torno da vida de estudantes com deficiência intelectual causavam um certo incômodo porque identificávamos um processo de exclusão em curso. Diante disso, sentamos para conversar sobre as dificuldades do cotidiano

Naquela tarde, no horário de formação, pontuamos a necessidade de compartilhar experiências que pudessem potencializar a vida desses sujeitos e, a partir daí, retomar os caminhos com a contribuição de cada componente curricular.

Sensível ao movimento, percebi em minhas andanças que no entorno da escola o pipa é vivenciado diariamente. A própria escola fica localizada geograficamente no alto de um morro, e ao lado há um espaço de mata que possibilita às pessoas empinarem pipas. A prática é realizada todos os dias do ano. Nos finais de tarde eu percebo diferentes grupos empinando, quando as pessoas chegam do trabalho e se entregam à diversão. É possível identificar em suas camisetas o nome das equipes e acompanhar nas redes sociais a maneira como se organizam.

Muitos chegam de moto ao local, estacionam, abrem o baú e retiram suas carretilhas, suas sacolas com cerol, seus pipas e entram no terreno para empinar. Há dias que a rabiola do baruel é tão grande que precisa de uma pessoa para descarregar e ajudar o amigo a subi-lo. Quanto sobrevoa a escola e as crianças ficam maravilhadas com o tamanho. A carretilha tem mais de 15 km de linha chilena e as cores determinam se o cerol é grosso ou fino. A escolha depende de cada tipo de pipa ou da força do vento.



Outros códigos nos permitem identificar a presença do pipa no território. Ao andar pelo bairro identifiquei a quantidade enorme de rabiolas, linhas e pipas pendurados na fiação e nas árvores.



Percebi um processo forte de significação quando cheguei com duas latas de linha e duas pipas para a vivência. Alguns estudantes vieram afoitos perguntar sobre o tema de nosso estudo e assim que eu anunciei para a turma, eclodiram discursos sobre a brincadeira: eu empino e adoro ; é perigoso, pode cortar a mão ; aprendi com o meu pai, sei empinar flechinha ; gosto de empinar, mas minha mãe não deixa .

Também fiquei atento à maneira como outras crianças se manifestaram. Uma delas foi a Raqueli, que olhou com um certo entusiasmo, mas não se aproximou porque o pai dela disse que era coisa de menino.

O movimento também afetou as pessoas que transitam na escola, alguns professores destacaram a importância de valorizar esses saberes. A coordenadora deu total apoio, mas alguns atores se incomodaram e a chatice de sempre foi dizer para eu tomar cuidado, que o pipa corta o pescoço e tal. Aquela ladainha de sempre!

Descemos para o espaço externo para empinar. Aos poucos foram rodeando o brinquedo e explicando o que deveriam fazer para subir. Uma perguntou qual era o lado que estava o vento, a outra disse que precisava fazer rabiola, outro pegou a linha e foi fazendo estirante. Outra disse que não sabia o que estavam falando. Ao término do encontro andei pela escola para perceber o que as pessoas andavam dizendo sobre o tema, já que os estudantes saíram falando para os demais e os colegas observaram o que se passava no pátio.

No encontro seguinte questionei alguns pontos que identifiquei na aula passada, além disso, promovi a leitura sobre a prática. Uma das estudantes se afastou da vivência. O pai da Raqueli disse que não era para empinar porque pipa era coisa de menino e mesmo sentindo uma vontade de participar a garota ficou observando os demais. Enquanto isso, os demais perguntavam uns para os outros, o que é estirante, o que é rabiola, espaço, vareta da envergadura.

Desenhei uma raia na lousa e pedi para a turma nomear suas partes. Mencionaram: fita, estirante, espaço, nó, vareta, linha. Alguns nomes mudam conforme o território. A Raia, por exemplo, também pode ser flechinha.

Na sequência, solicitei que se organizassem em quatro grupos, distribuí os materiais e pedi que cada qual construísse o seu brinquedo e fossem empiná-lo.



Como faz para cortar a fita? Por que o estirante está em cima? Como puxa o pipa para subir? Por que está rodando? Qual é o tamanho da rabiola? Essas perguntas apareceram durante o encontro. Percebi que aos poucos os meninos foram dominando e as meninas ficaram ajudando, o que me incomodou muito.

Naquele momento eu percebia os incômodos que o pipa produzia dentro do ambiente educacional. A motorista do transporte escolar não estava deixando entrar com a lata de linha na van e as estudantes reclamavam que não podiam trazer pipas, quando traziam escondidas eram pegadas dentro da sala de aula mostrando para os amigos e alguns colegas tomavam a lata de linha e levavam para a direção (imagem abaixo) com a justificativa que o artefato era perigoso. Alguns estudantes estavam priorizando vir à escola andando, porque assim poderiam trazer seus pipas.



Percebi também que a questão extrapolava os muros da escola. Como a instituição se localiza ao lado de um terreno amplo, durante as aulas os estudantes pegavam os pipas, pulavam a grade e aproveitavam para empinar nesse espaço, o que facilitava o aprendizado das técnicas de subir e laçar com os amigos da turma. Isso causou um certo mal-estar com parte da gestão que passou a vigiar e proibir as escapulidas.

Certo dia cheguei com uma caixa de maranhão, abri uma sacola e distribuí um pipa, uma lata de linha e um punhado de fita para cada menina, pedi para prepararem o brinquedo que a gente iria empinar, somente nós. Os meninos ficaram olhando, alguns se aproximaram e aos poucos tomaram os materiais delas, dei umas broncas, foi só assim que deixaram as deixaram em paz. Nesse dia fiquei só com elas no canto, ajudei a confeccionar as rabiolas, envergações e estirantes, levei, segurei e expliquei que precisavam olhar o vento, puxar a linha na hora certa e correr.

Nessa altura a turma já tinha empinado dois tipos de pipas (flecha ou rainha e o maranhão). Até então, pipas diferentes, com maneiras distintas de se construir. Fomos para a sala de informática em busca de mais informação sobre o tema. Expliquei de início que eles poderiam acessar o que quisessem, registrar no caderno de Educação Física e depois compartilhar com a turma.

No dia alguns jogaram pipa combate (jogo de pipa online), outros assistiram vídeos no YouTube, digitaram nomes de pipa no Google e observaram diferentes imagens. Um dos estudantes me mostrou um vídeo de um festival organizado na Praça do Letícia, evento semanal organizado pelo dono da loja de pipas nas proximidades.



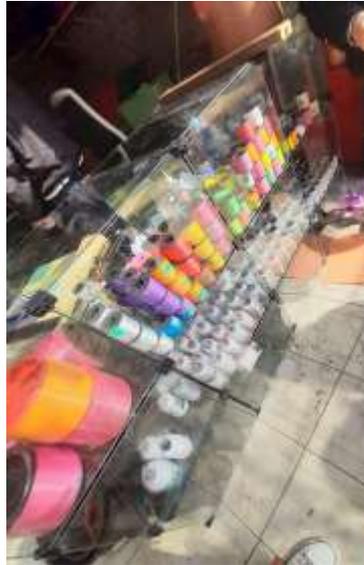
No mesmo dia, fui até lá para verificar se poderíamos agendar uma visita. No retorno à escola, apresentei a ideia à coordenadora Michelle e preparamos o comunicado para as famílias.

Na data marcada, saímos da escola e caminhamos pelas vielas do bairro. Chegamos ao local por volta das 9h30 da manhã. Fomos recebidos pelo proprietário Sérgio e os cinco funcionários. O recinto funciona como uma fábrica de pipas e também vende materiais para quem empina. Além disso, organizam os eventos nos finais de semana na Praça do Leticia, com sorteios e competições.



As crianças que não conheciam a loja se surpreenderam pela variedade de insumos que os pipeiros utilizam: linha chilena de várias cores, a linha Vera Cruz, linha 4, carretilhas de

diversos tamanhos, lata de linha, proteção para não cortar o dedo, cerol pronto, rabiola feita, fita de rabiola, vários tipos de pipa. Aos poucos, Sérgio relacionou os nomes aos pipas: baruel, lápis, pizza, murcha-murcha, raia de puxe, come rato, veloster e latão.



Ao visitar o espaço tive várias percepções, pude perceber nos olhares atentos dos estudantes o conhecimento sendo compartilhado e na conversa com as pessoas da loja, mesmo que tímidos, começaram a surgir algumas perguntas: Sérgio, as meninas empinam pipa? Há quanto tempo você tem essa loja? Como você faz para organizar os eventos?

As respostas fizeram os estudantes entender que o pipa ainda é preferido por meninos, segundo o Sérgio, por conta do hábito de ficar na rua mais do que as meninas. Ele também disse que ter uma loja de pipa era o seu sonho, já que adora empinar e viu ali no território uma possibilidade de viver disso. Ele mesmo organiza o evento pelo WhatsApp. Explicou para a turma que quanto mais eventos, mais dinheiro ganha.



Foi interessante permitir que o rapaz compartilhasse seus conhecimentos sobre o tema, coisas que eu pude aprender e não sabia porque não sou morador do bairro e não empino pipas em festivais. Sérgio explicou que nos dias e horários do evento não se pode empinar qualquer tipo de pipa na praça, que isso gera confusão e brigas e que esses eventos movimentam os comerciantes que sobrevivem de vender pipas, sucos e salgadinhos durante o encontro. Vendem pinga também, tem gente que gosta de empinar tomando cerveja. A polícia não se incomoda com as pessoas empinando pipa e nem com o tipo de linha que usam, ali não existem proibições desse tipo. Após a conversa, ele abriu um pacote de pipas e distribuiu para os estudantes empinarem, também deu linha e pedaços de rabiola.

Caminhamos para a Praça do Letícia, que é um local bem grande e propício para o brinquedo. Um dos funcionários da loja quis nos acompanhar.





Tornei-me freguês da loja do Sérgio. Na semana seguinte comprei os insumos necessários para confecção dos pipas. Distribuí-os à turma. Aos poucos, as meninas se aproximaram e começaram a gostar do tema. Sempre, ao final da aula, eu tinha que pedir para irem para a sala e sempre tinha uma que queria levar o pipa que fizera e empinara para casa.





Raqueli (foto acima) aos poucos se envolveu. Durante a ida à praça, seu pai passou pelo local olhando e viu sua filha empinando, quando a garota falou que era seu pai, chamei para participar da aula e empinar com a gente, mas ele saiu rapidinho. Ela estava empolgada e eu achei a situação bem engraçada. A situação me fez convidar a professora Dayane para conversar com a turma sobre pipa. Ela trabalha na escola, é moradora do bairro e empina desde criança. Quando soube do que estávamos estudando, fez elogios ao tema.



O encontro foi muito importante, Dayane é uma professora conhecida por todos os estudantes, o que permitiu uma conversa mais tranquila e aberta e perguntas variadas

relacionadas ao tema. A colega começou colocando as masculinidades em xeque. Logo foi falando que empina pipa desde criança, que adora empinar até hoje, mas que seu pai sempre a proibiu, por isso, tinha que empinar escondida, sofria várias violências para poder se divertir, mas que nunca deixou de empinar.

A colega contou que para poder comprar um pipa tinha que pedir para um amigo comprar para ela. O que a obrigava a pagar um para ele, ou seja, precisava sempre ter dinheiro para comprar dois pipas, se não tivesse o dinheiro não empinava, porque o amigo só ia nessa condição.

Também explicou para a turma que toda vez que cortava os meninos da outra rua, eles tiravam sarro com palavras machistas, xingando-a de sapatão e mulher macho. Muitas vezes, os meninos que tomavam relo dela, quebravam ou tomavam seu pipa porque não aceitavam tomar relo de mulher. Teve que brigar, apanhar e bater. Quando seu pai aparecia no local que estava empinando, ela passava a lata de linha na mão de um colega e saía andando, quando estava só, cortava a linha e deixava o pipa ir embora.

A professora explicou que isso não é natural, isso é um comportamento socialmente construído, onde os meninos aprendem certas coisas e as meninas outras. Essa é a razão do preconceito que as meninas sofrem na escola e no bairro quando empinam e é por isso que têm que continuar empinado, frisou a professora, encorajando o grupo.

Dayane também fez perguntas: vocês sabem o que é fazer a volta? Cortar e aparar? Comer linha? Já empinaram um pipa penso? Já empinaram capuchetas? E foi implicando esses códigos, contribuindo com a leitura e outros significados sobre o tema. Não parou por aí: se vocês comprarem um pipa penso, o que vocês fazem? Como vocês dão nó na linha? Já empinaram pipa com chicote?

Na aula seguinte trouxe umas folhas de jornal, selecionei um vídeo sobre a construção da capucheta e nos dedicamos ao artefato. Após a construção descemos para empinar. Naquele dia o vento estava forte e alguns estudantes ensaiaram subir o pipa de dentro da sala de aula, eles jogavam a capucheta para fora da janela tentando fazer com que o pipa fosse para o alto. O que eu achei interessante nesse movimento, foi que alguns colegas já estavam conseguindo fazer uma leitura do tempo. Para empinar pipa é fundamental que se olhe a direção e perceba a força do vento.



Após esse encontro, começamos a preparar os próprios pipas. Desenhei na lousa todos os tipos que empinamos e disponibilizei os materiais necessários (folha de seda, fita, linha, tesoura e cola).



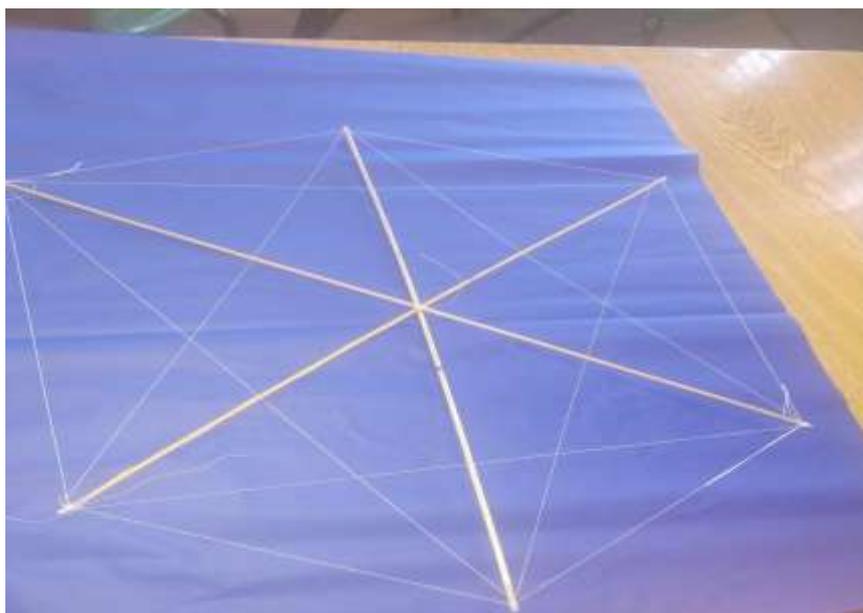
A partir desse momento, todas as aulas, os estudantes entravam na sala, escolhiam um pipa para construir e começavam a preparar. O pipa poderia ser inventado se eles quisessem. Poderia ser construído individualmente ou em grupo. Surgiram pipa estrela, flechinha, jerequetinha, capucheta, latão e baruel.



Raqueli constrói a armação de um pipa pizza.



Lilian termina um pipa lápis e, ao fundo, Raqueli ajuda as colegas.



Ao término dos trabalhos, identifiquei uma aproximação muito grande das estudantes com o tema. Além de pedirem todos os dias para levar a pipa e lata de linha para casa, às vezes, contavam que empinaram no final de semana, que pegaram uma pipa na rua, que comeram linha, que viram duas pipas cruzando no alto.



Como forma de finalizar os trabalhos, resolvemos organizar uma intervenção artística que a turma decidiu batizar de *Sobre os muros da ignorância*. Preparamos um mural com vários tipos de pipa na entrada da escola e no caminho colocamos várias pipas, latas de linha, pedaços de rabiola e deixamos as pessoas interagirem como quisessem. Alguns estudantes pegaram pipas e saíram correndo, outras observaram, outras tomaram dos amigos na rua.

